

A influência da diplomacia mitrista para a conformação da tríplice aliança contra o governo do marechal Solano López

The influence of Mitrist Diplomacy to the conformation of the Triple Alliance against the government of Marshal Solano López

Junior Ivan Bourscheid

Resumo

Este trabalho de investigação científica busca fornecer alguns subsídios para fomentar as discussões das estruturas sociais, políticas e econômicas atuais da região do Prata, encontrando na Guerra da Tríplice Aliança as raízes do processo. Efetua-se a análise da hecatombe paraguaia, observando-se que o governo do general Bartolomé Mitre desempenhou papel relevante na constituição da rede de relacionamentos que culminou no conflito regional. Lançando mão do aporte teórico marxista das relações internacionais, o presente artigo busca evidenciar a proeminência da diplomacia mitrista na difusão do consenso liberal-civilizador contra o governo popular do marechal Solano López, formando a Tríplice Aliança, que logrará a vitória definitiva do livre-câmbio e da civilização ocidental na região.

Palavras-chave: Diplomacia mitrista; Consenso liberal-civilizador; Guerra da Tríplice Aliança; Sistema do Prata.

Abstract

This research work aims to provide some subsidies to encourage discussion of social, political and economic current region of the Silver, finding in the Triple Alliance War roots of the process. Perform the analysis of Paraguayan holocaust, noting that the government of General Bartolomé Mitre played an important role in setting up the network of relationships that culminated in a regional conflict. Adopting the theoretical Marxist to international relations, this article seeks to demonstrate the prominence of mitrist diplomacy the spread of civilization-liberal consensus against the popular government of Marshal Lopez, forming the Triple Alliance, which will achieve the final victory of free trade and Western civilization in the region.

Key words: Mitrist diplomacy; Civilization-liberal consensus; Triple Alliance War; Silver System.

O contemporâneo debate das Relações Internacionais traz em sua agenda temáticas como a integração regional, o consenso democrático-liberal pós-Guerra Fria, a hegemonia norte-americana na América Latina, o capitalismo como sistema econômico quase universal. Ao se observar a evolução e o processo histórico de consolidação desses fenômenos na região do Prata, torna-se essencial a compreensão da Guerra da Tríplice Aliança, que constitui um evento decisivo para a conformação das estruturas sociopolítico-econômicas que fomentam a eclosão dos fenômenos elencados.

Este trabalho de investigação científica evidencia a importância da diplomacia argentina mitrista na conformação da Tríplice Aliança e, conseqüentemente, na hecatombe da Guerra da Tríplice Aliança. Para tal fim, faz-se necessária a apresentação e o debate dos fatores que corroboraram na consubstanciação das políticas do general Mitre, tanto internos quanto externos, objetivando a elucidação da proeminência de Mitre nas relações internacionais dentro do âmbito do sistema do Prata.¹

Utilizando-se o aporte teórico do marxismo das relações internacionais, analisam-se os eventos ocorridos na região, oferecendo-se caráter empírico aos apontamentos que tornam o general Mitre um ator diplomático de suma importância no contexto discutido.

A experiência popular paraguaia do século XIX será analisada a fim de se compreender as motivações para a efetivação da cruzada liberal-civilizadora empreendida pelos demais vizinhos, amplamente apoiados pelo nascente imperialismo inglês. Da mesma forma, torna-se imprescindível avaliar as conturbações na República Oriental do Uruguai a partir de 1860, com o governo de Bernardo Prudencio Berro, elucidando-se que a experiência intervencionista uruguaia consistia em prenúncio do conflito que estaria por emergir, bem como as bases para o envolvimento intervencionista argentino-brasileiro no Uruguai, observando-se, assim, a rede de relações criadas por Mitre, que inevitavelmente levaram à Guerra da Tríplice Aliança.

Serão elencados fatores sociais, ideológicos, políticos e econômicos, com prevalência desses últimos, como influenciadores dos demais, entretantes não retirando a relevância que os demais fatores tiveram na conformação da Tríplice Aliança, baluarte do consenso liberal-civilizador contra o Paraguai.

1. Refere-se ao sistema de relações internacionais entre a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai.

A ascensão da política externa mitrista no sistema do Prata: da formulação do consenso liberal-civilizador à hecatombe paraguaia

O fim da estabilidade do sistema do Prata

Efetuando-se um exercício analítico-estrutural das relações internacionais dentro do sistema do Prata, observa-se que após as conturbações iniciais com os processos de constituição dos Estados Nacionais, nas décadas de 1810 e 1820, apaziguaram-se os relacionamentos intrarregionais, fornecendo, de modo superficial ao menos, uma estabilidade que seguiria até o início da década de 1860.

No entanto, a estabilidade regional mantinha-se primordialmente por uma impossibilidade de ação das nações, obstaculizadas pelas estruturas internas e desfavorecidas por processos globais que se consolidavam. Os poucos momentos de prosperidade, seguidos por largos períodos de recessão ou crises, fomentavam a ebulição das contradições internas, da mesma forma que entre os países da região.

Ao adentrar-se na década de 1860, a relativa estabilidade do sistema do Prata nas décadas anteriores demonstra claramente que se consubstanciava em fator superficial que permitia a perpetuação daquelas relações contraditórias, renunciando as comoções futuras que emergiriam na realidade regional, alterando de forma decisiva as estruturas sociais, políticas, econômicas e institucionais das nações, sendo a hecatombe paraguaia o processo geral a ser analisado.

Em 1860 Bernardo Prudencio Berro, pertencente à ala dos *Blancos*, assume a presidência na República Oriental do Uruguai, demonstrando desde o início de seu mandato que buscava acabar com os privilégios de proprietários brasileiros e argentinos no país e com as políticas caudilhistas do interior, oferecendo institucionalidade estável aos governos da República subsequentes, mesmo que contrários aos benefícios gozados pelos estrangeiros no país.

O principal líder opositor, o general Venancio Flores, já havia se exilado na Argentina, juntamente com alguns correligionários, desde a sua renúncia em 1855. Buscava apoio argentino para voltar ao poder, mas não havia encontrado até então fortes aliados na Argentina que possibilitassem uma invasão do território oriental a fim de destituir Berro e os *Blancos*.

Flores e os *Colorados* irão encontrar seu grande apoiador no novo presidente da Argentina, eleito por unanimidade em 1862, o general Bartolomé Mitre. Este havia logrado a hegemonia de Buenos Aires sobre as províncias do interior. Nesse momento ao menos, no entanto, necessitava de uma rápida resolução das problemáticas uruguaias, assim como de um regime amistoso no país vizinho, ainda mais quando se observa que os principais apoiadores do governo *Blanco* eram os federalistas do interior argentino, ávidos pela manutenção do governo uruguaio, mas principalmente pela destituição de Mitre, em favorecimento à consolidação do poder das províncias do interior argentino.

No Brasil, a postura das relações internacionais do Império passou por uma alteração com o progresso dos liberais, visualizado no progresso dos governantes do Rio Grande do Sul, segundo Donghi (1975) marcadamente mais agressivos, quando comparados aos do Rio de Janeiro, principalmente no que se refere às relações do Império com as demais nações do sistema do Prata.

Já no Paraguai, o processo de autonomia nacional e governo popular, posteriormente consumado com o desenvolvimento nacional, iniciado com o Dr. Francia e aprimorado por Carlos Antonio López, passava, a partir de 1862 (com a morte de Carlos Antonio López), às mãos de Francisco Solano López. O regime político, social e econômico autônomo do Paraguai rivalizava com os vizinhos por constituir ameaça à estabilidade da região. Considerado um “mau exemplo”, deveria ser banido da realidade regional, estabelecendo-se de forma decisiva o consenso liberal-civilizador na região, as políticas de livre-câmbio, as estruturas estatais dependentes do imperialismo.

O crescente imperialismo inglês na região: a nova economia mundial

O sistema capitalista já havia se consolidado, porém é com a Segunda Revolução Industrial (entre 1850 e 1870) que as bases do sistema se tornam decisivamente estabelecidas, fortalecendo e fomentando a ascensão do período imperialista do capitalismo. Lênin estabelece os traços fundamentais do movimento ocorrido no sistema capitalista que permitiu o desenvolvimento da fase imperialista deste, fornecendo os subsídios para o posterior debate estrutural do consenso liberal-civilizador:

O imperialismo surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral. Mas o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, do seu desenvolvimento, quando algumas das características fundamentais do capitalismo começaram a transformar-se na sua antítese, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. O que há de fundamental nesse processo, do ponto de vista econômico, é a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. (LÊNIN, 2011, p. 216).

No entanto, o imperialismo inglês já despontava como grande força internacional, seja pela potencialidade industrial inglesa, seja pela proeminência política que a Inglaterra foi galgando ao longo do tempo, constituindo-se na grande potência mundial do século XIX, como pode ser observado em Cerro (2008) e Hobsbawm (1988).

O domínio inglês nas mais diversas regiões do planeta se dava de forma distinta dos impérios que o precederam. No caso do sistema do Prata, a presença inglesa se dava pelo que Cerro (2008) conceitua como dependência informal,² o domínio do liberalismo clássico, do livre comércio.

Não obstante, realizando-se um exercício reflexivo dos fatores fomentadores do domínio imperialista inglês durante o século XIX, observa-se que em grande parte dos casos este ocorre por uma necessidade dos países envolvidos, ou mesmo para estes barganharem favorecimentos de quaisquer formas para suas nações. A exceção encontra-se na América Latina, já que as nacionalidades da região, desde o início do século, haviam feito a independência de seus Estados, seu reconhecimento já estando consolidado junto aos demais membros do sistema internacional.

Quais seriam então as profundas raízes estruturais e conjunturais que explicam o domínio inglês na região e a conformação do consenso liberal-civilizador, culminando na guerra contra o Paraguai?

O historiador argentino Donghi (1975), em uma das mais célebres obras de história latino-americana, elenca os principais desses fatores, evidenciando as condicionantes econômicas, fenômeno compreensível sob a lógica do expansionismo capitalista.

A primeira dessas implicações demonstra claramente a proeminência dos fatores econômicos, qual seja, a necessidade de finan-

2. Presença imperialista que não necessita de uma dominação direta sobre o território, mas de uma governança local que defenda os interesses imperialistas.

ciamentos para as nascentes economias nacionais da região. Claro está que politicamente os Estados do sistema do Prata haviam sido reconhecidos como tais internacionalmente, entretanto, careciam de estruturas econômicas estáveis, nesse momento impossibilitadas circunstancialmente pelas estruturas dependentes herdadas do período colonial.

Os governos cada vez mais buscavam fortalecer as economias nacionais, necessitando assim de fontes externas de recursos que possibilitassem a efetivação de tal anseio, recorrendo ao principal detentor de fundos ativos para serem investidos, a Inglaterra. Nessa imbricada rede de relacionamentos envolveram-se a Argentina, necessitando ainda de estabilidade interna, o Império do Brasil, necessitando de maior legitimidade interna via processo de ascensão econômica, e o Uruguai, profundamente dependente de investimentos externos para estabilizar-se política e economicamente.

A segunda condicionante dizia respeito ao novo pacto colonial que se estabelecia com a modificação das relações econômicas entre os novos Estados latino-americanos e as metrópoles capitalistas, oferecendo uma estabilidade superficial internamente e proporcionando as diretrizes essenciais para o desenvolvimento das relações econômicas internacionais dessas regiões.

A estabilidade teve início, especialmente, quando começaram a se modificar as relações com as zonas econômicas metropolitanas; essa modificação é um aspecto daquilo que, já na segunda metade do século, abarca a inteira economia metropolitana. Graças a isso, essa economia foi capaz de desempenhar as funções para as quais fora chamada desde o início da emancipação: não apenas garantir um mercado para a produção tradicional latino-americana e para um conjunto de produtos novos, mas também pôr à disposição os capitais que – juntamente com a ampliação dos mercados – eram imprescindíveis para modernizar a economia latino-americana. (DONGHI, 1975, p. 124)

O novo pacto colonial tornou-se passível de efetivação com o surgimento de duas inovações para as economias latino-americanas: a maior disponibilidade de capitais internacionais (especialmente ingleses) e o aumento da capacidade de absorção das exportações latino-americanas, factível por meio da expansão capitalista proporcionada pela Segunda Revolução Industrial, ampliando os mercados desses produtos. Esse processo de desenvolvimento capitalista já estava sendo analisado e debatido por Marx & Engels no clássico *Manifesto comunista* de 1848:

Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou à indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias-primas autóctones, mas sim matérias-primas vindas das regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam para a sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. (MARX; ENGELS, 1999, p. 13)

A implicação que possibilitou e garantiu a efetivação das outras duas foi a difusão dos preceitos e políticas do livre comércio, permeada de um prestígio excepcional surgido nas metrópoles e importada nos países do sistema do Prata de tal forma que se tornou uma necessidade estrutural, conjuntural e institucional.

Os dirigentes políticos e as camadas superiores das sociedades locais criaram uma fé quase universal de que apenas com a política do livre comércio seria possível a manutenção estável das economias nacionais. Essa fé popularizou-se e se tornou fonte de esperanças dos políticos da região por coincidir com períodos de crescimento econômico, com a modificação das relações econômicas entre os países da região e as metrópoles capitalistas.

Segundo Donghi (1975), a política de livre comércio auxiliou, de qualquer forma, o processo iniciado na América Latina, sob o marco do novo pacto colonial, o que possibilitou a sua popularização, favorecida pelos novos hábitos de consumo que foram se consolidando tanto nas elites regionais como em algumas parcelas mais afortunadas da massa populacional, necessitando, dessa forma, dos produtos advindos das relações econômicas estabelecidas com as políticas de livre comércio.³

Sabendo-se dos interesses ingleses na região, da suposta necessidade imprescindível dos governos regionais de recorrer aos

3. Esses fenômenos tornam-se mais claros quando se considera que a América Latina ainda vivia no período que Donghi (1975) chamou de “a longa espera”, pois, mesmo após as independências nacionais, a população ainda esperava por modificações claras nas estruturas nacionais, principalmente nas que influenciassem diretamente o seu cotidiano.

empréstimos ingleses para financiarem a alavancagem de suas economias, nota-se aqui o fator fomentador da eclosão do consenso liberal-civilizador contra o governo de Solano López e contra o Paraguai como um todo, exemplo de modelo autônomo de desenvolvimento nacional, rivalizando com o modelo dependente pregado pelos defensores do livre câmbio e dos interesses ingleses no sistema do Prata.

A diplomacia mitrista: fatores internos e externos

Anteriormente apresentaram-se os governantes atores do processo de deslocamento do equilíbrio do sistema do Prata, por meio da Guerra da Tríplice Aliança, e conferiu-se, como objetivo central desta investigação, proeminência ao papel desempenhado pelo general Mitre, principalmente no que diz respeito à sua diplomacia junto aos demais países da região, possibilitando a conformação da Tríplice Aliança e a consequente hecatombe paraguaia.

Cabe destacar as circunstâncias que permearam as ações tomadas pelo mandatário argentino, que refletem as possibilidades e escolhas adotadas por ele para efetivar a aliança regional que empreenderia a cruzada liberal-civilizadora. Nesse sentido, analisar-se-ão os fatores estruturais, conjunturais e institucionais nos quais o governo de Mitre estava envolvido, como processos auxiliares da eclosão das comoções subsequentes.

Como fator circunstancial interno ao governo de Mitre, apresenta-se a organização do país. A Argentina enfrentava desde a sua independência uma profunda crise interna, que impossibilitava a união nacional. Os confrontos entre Buenos Aires e as províncias do interior, entre unitaristas e federalistas, estendiam-se ao longo de décadas sem ter uma solução definitiva.

No início da década de 1860, Justo José de Urquiza intenta a criação de uma ordem constitucional para o país, buscando apoio junto aos governadores do interior, sob o marco da confederação argentina. Com a oposição de Buenos Aires, a revolução segue no interior, dividindo o país em dois, contrapondo os interesses das camadas médias urbanas – baseadas no liberalismo e orgulho citadino – fomentados pela imprensa bonaerense – e dos grandes produtores rurais – temerosos da perda do controle sobre a base provincial – com as pretensões enérgicas da confederação (DONGHI, 1975).

A resistência de Buenos Aires ao cerco das tropas de Urquiza segue até 1861, momento em que ocorre um *turning point* nos rumos da política argentina. A Batalha de Pavón, em 18 de setembro de 1861, marcou a vitória da guarda nacional de Buenos Aires, comandada por Mitre, sobre as tropas da confederação, comandadas por Urquiza. Aos governos provinciais restaram duas opções, segundo Donghi (1975): dissolverem-se espontaneamente ou se adaptarem à nova conjuntura nacional que emergia. Mitre assume a presidência eleito por unanimidade, já que havia conseguido neutralizar Urquiza e a revolução federalista (após a vitória na Batalha de Pavón), estabelecendo uma ordem política nacional com proeminência portenha.

Para Donghi (1975), a vitória de Mitre fora insegura e cara, pois este havia logrado apenas uma aparente estabilidade. Estava diretamente compromissado com os *Colorados* uruguaios, que necessitavam voltar ao poder, o que suscitou críticas de parte da população de Buenos Aires, por Mitre ter renunciado às lutas do interior do país, o que poderia derrocar o movimento federalista, acarretando o lógico enfraquecimento do governo *blanco* no Uruguai e levando à dupla vitória dos unitários.⁴

A presidência de Mitre estava relacionada com a garantia dos interesses da burguesia urbana liberal portenha e das elites tradicionais do interior, suas bases fundamentais de apoio. Era imprescindível a ambas uma ordem política que favorecesse a continuidade da economia liberal, fundada na exportação de sua produção para os centros capitalistas da época, essencialmente a Inglaterra. Tal aliança política permitiu a manutenção de seu governo, pois ao menor sinal de rompimento com essa ordem benéfica aos interesses econômicos liberais, a ordem política seria alterada a fim de se adequar às necessidades do setor exportador argentino, especialmente o portenho. Esse determinismo na condução da política é analisado por Marx e Engels:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calçou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. [...] Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. (MARX; ENGELS, 1999, p. 10-11)

4. Os liberais favoráveis à unificação nacional da Argentina, aliados dos *colorados*, os liberais uruguaios.

Observa-se aqui que a conquista do poder não diz respeito primordialmente ao poder político. A supressão de formas de organização contrapostas ao capitalismo burguês faz com que o fator essencial na análise seja o econômico (dada a detenção da propriedade dos meios de produção por parte dessa classe), que a torna a força motora da sociedade capitalista. Desse modo, para Donghi (1975), o poder político de Mitre deriva de seu apoio conquistado com a aliança junto à burguesia portenha e as elites do interior.

Havia também um fator regional diretamente ligado à Argentina, e que Mitre utilizará de maneira exitosa para sua vitória diplomática, o problema da banda oriental, o Uruguai. Desde o início do processo independentista regional, o Uruguai fora pauta de tensões entre o Brasil (inicialmente ainda sob o governo português) e a Argentina. Quando da independência das províncias argentinas, o Uruguai busca nestas a oportunidade de se incorporar ao nascente Estado argentino, impossibilitado pela recusa argentina de confrontar-se com os luso-brasileiros pelo território.⁵

Em 1825 eclode o já anunciado conflito envolvendo a Argentina e o Império do Brasil para solucionar o problema uruguaio. A guerra culmina com a vitória argentina em Ituzaingó (1827) que, segundo Donghi (1975), a Argentina não soube explorar em sua complexidade. Com isso, em 1828 os acordos entre Argentina e Brasil criavam o novo Estado, a República Oriental do Uruguai.

Essa nova nação estava intimamente relacionada com as duas potências regionais, tanto pela presença crescente de proprietários – principalmente luso-brasileiros – de terras no país, e de investidores, quanto pela forte e marcante presença política de líderes dos movimentos argentinos, unitaristas e federalistas, que acabaram por influenciar na política interna uruguaia. Os relatos históricos pesquisados por Posada (2008) confirmam esses apontamentos, apresentados sob a ótica de uma região próxima aos dois países, o departamento de Tacuarembó.

Quando Mitre assume a presidência, o Uruguai está sob o governo dos *Blancos*, opositores dos *Colorados*, com os quais Mitre

5. Durante o período colonial foram recorrentes os acordos entre Espanha e Portugal, envolvendo o território uruguaio, ficando sob o controle português. A independência das províncias do Vice-reino do Rio da Prata trouxe à então Cisplatina a possibilidade de conseguir maior autonomia, já que nesse momento o movimento federalista estava fortalecido. No entanto, as antigas tensões entre brasileiros e argentinos, e a política argentina priorizando a unificação nacional, preteriram os reclamos uruguaiois, resolvidos apenas na década seguinte.

possuía compromissos derivados de sua eleição. Além do mais, Berro havia iniciado um processo de ruptura com a estrutura da política caudilhista, afetando diretamente os interesses dos brasileiros e argentinos presentes no Uruguai. Dessa forma, Mitre necessitava urgentemente resolver a problemática uruguaia, pôr um fim às tensões com o Brasil por aquela região, que haviam sido pacificadas pela barreira dos interesses ingleses, efetivar a vitória dos interesses do livre câmbio no Uruguai, destituindo Berro e fazendo retornar o governo *Colorado*, se possível com Venancio Flores na liderança, quitando também sua dívida com seus aliados *Colorados floristas*.

Já se analisou anteriormente o fator externo global à diplomacia mitrista mais relevante, o imperialismo inglês e seus interesses na região. Esse fator beneficiava-se dos relativos avanços que as economias nacionais obtinham com a adesão irrestrita à nova estrutura produtiva mundial, oferecendo assim um aspecto de lucratividade em se perpetrar políticas que favorecessem tais estruturas.

Entretanto, o principal fator a ser observado é o regional, influenciado pelo fator global, o consenso liberal-civilizador. A marcante presença inglesa na região, difundindo os preceitos econômicos do livre câmbio, paralelamente à existência do regime popular paraguaio, diametralmente oposto ao modelo dependente dos demais países da região, tomado como o principal inimigo do livre câmbio e da civilização ocidental na região, fomentaram a ascensão da ideia consensual de que o regime de López deveria ser suprimido.

Na mesma medida em que o Paraguai avançava pelo difícil caminho do desenvolvimento econômico, independente do capital estrangeiro, agravavam-se as contradições com seus poderosos vizinhos e o nascente imperialismo inglês. [...] A oligarquia liberal brasileira, aliada ao Imperador Pedro II, pretendia a liquidação do odioso exemplo que significava um país verdadeiramente livre e soberano, que se negava a acatar os ditados imperiais e a aceitar as relações comerciais desiguais que estavam impondo os capitalistas ingleses às demais nações da América Latina. [...] Por seu lado, a oligarquia liberal bonaerense, também recentemente apoderada do poder (1862), perseguia com a destruição do peculiar regime paraguaio a consolidação do Estado Nacional, em aliança com o capital britânico. (VILABOY, 1984, p. 133-134)

Mitre já havia orquestrado seu plano para liquidar os problemas internos e externos do seu governo: inicialmente necessitava destituir o governo *Blanco* no Uruguai, tendo que envolver o Império do Brasil

nessa cruzada, dado o interesse inglês na região, que impossibilitava a ação unilateral no caso uruguaio; com a volta dos *Colorados* ao poder, conformar a aliança entre Argentina, Brasil e Uruguai para atacar o Paraguai de López, num movimento muito mais árduo, no entanto, muito mais necessário. Como consequência dos êxitos das duas campanhas, Mitre esperava a união da nação sob o pretexto do inimigo paraguaio, solucionar as tensões com o Brasil e garantir os interesses ingleses na região, onde era o principal beneficiário desse fato, por constituir – até então – a principal base do imperialismo inglês na região.

O golpe florista no Uruguai: primeiro êxito da diplomacia mitrista

A execução do planejamento da diplomacia mitrista para a estabilização da região, juntamente com a estabilização interna da Argentina – sob seu comando – se inicia em 1863, quando o general Venancio Flores parte das terras argentinas para empreender sua cruzada libertadora no Uruguai.

Mitre reconhecia a impossibilidade de uma ação unilateral conjunta com as forças de Flores, para destituir Berro e os *Blancos* do poder, pois a Inglaterra não permitiria que tanto o Brasil quanto a Argentina tomassem tal iniciativa, impedindo a conformação de políticas imperialistas de qualquer das duas potências na região, mantendo-as debilitadas em suas relações com a metrópole capitalista. Desse modo, necessitava de apoio dos brasileiros para empreender a derrocada dos *Blancos*, o que viria a ocorrer com a ascensão dos líderes do Rio Grande do Sul na política nacional do Império.

Entretanto, Flores estava na urgência de auxílio externo para vencer a resistência *blanca*, pois os enfrentamentos já haviam transformado a intentona golpista em uma guerra civil. Nesses momentos iniciais dos confrontos, viaja a Buenos Aires o diplomata brasileiro credenciado junto ao governo uruguaio, o ministro João Alves, buscando inquirir as intenções do governo mitrista para com o Estado oriental. Ainda em 1863, a diplomacia de Mitre galga um passo importantíssimo para a conformação de sua trama: logra o envolvimento inicial do Império do Brasil nos problemas uruguaio.

Em 20 de outubro de 1863 o ministro Elizalde de Relações Exteriores e Andrés Lamas, representante diplomático oriental credenciado ante Mitre, firmam um protocolo que é consequência da missão Loureiro. Argentina e Uruguai se comprometem a recorrer

a um árbitro único para dirimir suas diferenças: será o imperador do Brasil. A diplomacia do Império assegura-se contra qualquer intervenção unilateral do governo mitrista. [...] O Império já está envolvido na questão oriental. (POMER, 1987, p. 80)

O governo argentino busca agora que o Império auxilie na destituição dos *Blancos* uruguaios, enviando o diplomata Mármol ao Brasil, com o objetivo de definir as relações entre ambos os países e destes com o Estado uruguaio. Mármol, sabendo dos extensivos interesses brasileiros no Uruguai, principalmente dos cerca de 40.000 brasileiros vivendo no país vizinho – dados apresentados por Posada (2008) –, especialmente os rio-grandenses proprietários de terras, observa nesse fator a forma decisiva de envolver o Brasil na trama mitrista. Como os gaúchos estavam ganhando cada vez mais espaço junto ao governo de Pedro II, sua pressão sobre o imperador para resolver as comoções orientais, que tantos prejuízos traziam para os brasileiros nesse país, apenas auxiliou os planos de Mitre, tanto que o Império irá se envolver decisivamente em 1864, ano-chave para a posterior resolução das controvérsias uruguaias.

O Império enviará a Montevidéu um de seus homens mais importantes: José Antônio Saraiva. Este examinará *in situ* a situação, fará uma avaliação correta: “Creio que somente em Buenos Aires – escreve a Dias Vieira, em 28 de maio de 1864 – resolveremos esta última questão da paz, e que ilhados não poderemos usar com vantagem os meios de repressão. Sem aliança, tudo nos contrariará; com a aliança de Buenos Aires, tudo será fácil; é preciso, pois, adquiri-la ou preparar-nos para grandes sacrifícios”. A ajuda militar argentina será necessária na aventura que está se preparando para empreender o Brasil por circunstâncias surgidas no seio do círculo mitrista portenho. Curiosamente o Império, empurrado para a intervenção pela mão de Dom Bartolo, vem agora solicitar a ajuda desta mesma mão. Triunfo total da política de Mitre. O governo Blanco tem seus dias contados. (POMER, 1987, p. 81-82)

As tensões se desenvolvem de forma decisiva, com o avanço de Flores cada vez mais contraposto pela resistência. Por outro lado, o triunfo da ala extremista-radical dos *Blancos* faz com que Berro ceda lugar ao vice, Atanasio Aguirre, momento em que os encontros chegam ao seu ápice.⁶ Fazia-se necessária a intervenção

6. A partir da ascensão dos *Blancos* extremistas ocorrem os episódios mais sombrios da guerra civil uruguaia, os confrontos mortais, os ataques aos brasileiros, um ataque ao consulado brasileiro em Tacuarembó, que gerou muita revolta entre os brasileiros que viviam no Uruguai. Todos esses fatos apenas fortaleceram os reclamos dos gaúchos por uma intervenção franca e aberta do Império para acabar com o conflito.

conjunta de brasileiros e argentinos para finalizar a guerra civil uruguaia, destituindo os *Blancos* e fazendo com que os *Colorados*, liberais aliados aos interesses argentino-brasileiros no país, voltassem a governar o Uruguai, pelas mãos de Venancio Flores.

Os argentinos enviam algumas tropas para auxiliar Flores, no entanto, seu maior auxílio já havia sido oferecido quando do início da aventura florista. Já os brasileiros atuam decisivamente na resolução do conflito. O principal fator não foi o envio de tropas, mas o envio da esquadra de Tamandaré, que irá empreender o principal ataque dos golpistas, possibilitando a consequente vitória.

O bombardeio a Paysandu, em 21 de dezembro de 1864, representou para os *Blancos* a insuficiência de seus esforços, visto que o inimigo havia se fortalecido determinadamente agora, com o efetivo auxílio argentino-brasileiro. A resistência segue até o início de 1865, quando Venancio Flores se torna o novo mandatário do Uruguai. O primeiro esforço da diplomacia mitrista se concretizara.

A tríplice aliança: a grande vitória da diplomacia mitrista

Há de se analisar dois fenômenos paralelos que implicam a conformação da hecatombe paraguaia, além dos já apresentados anteriormente. Primeiramente a busca de apoio dos *Blancos* junto a Solano López. Ainda sob a presidência de Berro, os *Blancos* buscam em López um aliado contra o inimigo que demonstrava ter apoio das potências regionais. O marechal López observava, no cumprimento irrestrito dos tratados firmados pela República Popular, um caminho de manutenção da estabilidade regional. O descumprimento do tratado firmado entre Brasil e Paraguai em 1850, que garantia a independência e soberania do Estado uruguaio, por parte dos brasileiros, motivou a represália de López com a invasão do Mato Grosso, pelo rio Apa, no final de 1864, declarando guerra ao Brasil.

Concomitante a esse fato, ocorre a formação da Tríplice Aliança, inicialmente em reunião realizada nas Puntas del Rosario (Uruguai), ainda em 1864, conformada em tratado solene de 1º de maio de 1865, declarando guerra ao Paraguai de López e ao povo paraguaio. O mais árduo desafio para a diplomacia mitrista consubstanciou-se em uma simples prolongação da rede de relacionamentos criada com a aventura de Flores. Advogando a implantação da civilização ocidental e do livre câmbio na bárbara república guarani, Mitre une argentinos, brasileiros e uruguaios no conflito.

A assinatura do Tratado da Tríplice Aliança em 1º de maio de 1865 resulta em uma farsa: um ano antes já estava pronto, esperando apenas que os representantes do imperialismo inglês o assinassem, já que a hora da guerra se aproximava. E por mais tempo seria ocultado do mundo, se não fosse pelo abuso de um dos seus assinantes, o diplomata uruguaio Carlos de Castro, que mostrou uma cópia do texto por curiosidade do representante inglês em Montevideu, já em 1866. Posteriormente, foi publicado pelo Parlamento britânico, uma indiscrição que motivou o protesto de quase todo o mundo contra o incrível texto do Tratado da Tríplice Aliança. (CHIAVENATO, 2008, p. 117)

Não obstante, nem só de conquistas resultaram os atos da diplomacia mitrista. A estabilidade interna continuou sendo mantida pela força das armas, sendo a guerra contra o Paraguai vista com maus olhos por grande parte da população, havendo inclusive relatos de insurgências no interior. Segundo autores como Chiavenato (2008) e Pomer (1987), havia mais argentinos mortos em represália ao governo mitrista do que na guerra. O fato concreto é que o governo mitrista estava cada vez mais desgastado, bem como seu partido. Mitre só conseguiu lograr o ingresso efetivo da Argentina no conflito quando as tropas do marechal López invadiram Corrientes, após Mitre ter negado a permissão para estas ingressarem no território argentino, para socorrerem os *Blancos* uruguaio. Nesse momento, Mitre consegue o apoio de Urquiza⁷ para a entrada na guerra, lutando contra o invasor estrangeiro.

A esperada vitória rápida contra os paraguaios não veio, e o conflito se arrastou por cinco anos, com a heroica resistência paraguaia, desgastando ainda mais a imagem de Mitre, que viria a se corroer de forma decisiva quando o duque de Caxias assume o comando das operações. O heroísmo da epopeia paraguaia começou a ser resgatado por seu grande defensor, o renomado escritor paraguaio Juan Emiliano O'Leary:

Seremos vilipendiados, no dia antes de morrer, seremos vilipendiados por uma geração surgida do desastre, que levará a derrota na alma e no sangue como um veneno, o ódio do vencedor. Mas outras gerações, que virão depois, nos farão justiça, aclamando a grandeza de nossa imolação. Eu serei mais ridicularizado que vocês, serei posto fora da lei de Deus e dos homens, serei submerso

7. Presidente da Confederação Argentina, cuja capital era a cidade de Paraná. Líder do partido Federal e no momento governador de Entre Ríos, havia levantado a revolução federalista no interior contra Buenos Aires, que culminou na vitória de Mitre e na estabilidade nacional.

sob o peso de montanhas de desgraça. Porém me chegará também meu dia, e voltarei a surgir dos abismos, da calúnia, para ir crescendo, todos os dias, aos olhos de nossos compatriotas, para ser o que fatalmente terei que ser em nossa história. (O'LEARY, 1930, p. 313-314)

Porém, o principal objetivo foi logrado em 1º de março de 1870, quando o marechal Francisco Solano López cai diante das tropas imperiais. A República Popular do Paraguai estava destruída, a população dizimada, era a vitória da civilização, a vitória do bem-estar proporcionado pelas políticas liberais do livre câmbio. A estabilidade do sistema do Prata estava conformada e garantida pela tutela das potências regionais – em primeira instância – e pelo imperialismo inglês.

O retorno à estabilidade: implicações da guerra da Tríplice Aliança

Ao analisar as implicações decorrentes da hecatombe paraguaia, esta investigação busca evidenciar como a diplomacia mitrista influenciou nos seus resultados e como se resolveram as problemáticas que levaram Mitre a tecer a rede de relacionamentos que culminou com o conflito regional.

Findo o conflito, a República Argentina estabilizara-se politicamente, mas Mitre havia perdido seu prestígio, ficando o comando da nação nas mãos de Sarmiento, político de partido próprio. A estabilização, segundo Donghi (1975), foi conseguida mais pela morte de Urquiza – em uma revolta federalista na Província de Entre Ríos – e o conseqüente enfraquecimento dos federalistas, do que por mérito de Mitre e conseqüência da guerra.

Dirimiam-se as tensões expansionistas com o Império do Brasil, neutralizando-se qualquer efervescência com a divisão de grande parte do território paraguaio. A eliminação do governo de López, juntamente com a queda dos *Blancos* uruguaios, estabilizava as relações internacionais no sistema do Prata. A vitória aliada no conflito representou também a vitória do liberalismo, tendo como marco desse processo o início do endividamento paraguaio, concomitantemente ao profundo endividamento brasileiro e argentino com a guerra.⁸

8. Vilaboy (1984) relata que o novo governo paraguaio teve que arcar com “pesadas reparações de guerra”. Ademais, já em 1871 e 1872 (com o território ainda ocupado pelas tropas estrangeiras), o Paraguai contratou seus primeiros empréstimos junto a

Para a Argentina, num contexto mais geral, a vitória representou o aprofundamento das relações com a metrópole inglesa, conseguindo nesta os financiamentos para alavancar o crescimento econômico nacional, construindo ferrovias, constituindo-se decisivamente em grande entreposto comercial da região – com a abertura dos rios paraguaios para a livre navegação – e tendo na exopente elite bonaerense um fator de defesa dos interesses ingleses na América do Sul.

Já para os paraguaios, o conflito trouxe resultados catastróficos, segundo Vilaboy (1984). Cerca de 80% da população havia sido dizimada, restando em sua maioria mulheres, crianças e idosos (entre os poucos homens). A Argentina ficou com a posse do Chaco Austral e o Brasil com o atual Mato Grosso do Sul, além de ambos os países solucionarem suas controvérsias territoriais com a nação vizinha. Os aliados ainda permaneceram no território paraguaio até 1876, deixando uma república moldada à sua imagem e semelhança, com o estabelecimento de uma Constituição de estilo liberal, concedendo privilégios exclusivos aos estrangeiros e o direito à propriedade.

Os resultados da hecatombe paraguaia apenas refletiram as reais intenções dos adversários, quando orquestraram o tabuleiro da política no sistema do Prata. Salientaram, também, traços fundamentais do capitalismo, principalmente da fase imperialista, evidenciando que uma ordem política inserida nas relações de poder capitalistas é mantida tão-somente com o apoio econômico da classe dominante, nesse caso as elites liberais da região, restando como última alternativa o confronto a essa ordem, que se mostrou demasiado custoso ao Paraguai.

Considerações finais

Observa-se, desse modo, a importância e o envolvimento da diplomacia mitrista na conformação dos acontecimentos que levaram à eclosão e consumação da hecatombe paraguaia. Foram analisados vários fatores que influenciaram Mitre a formular o planejamento, que chegaria ao seu clímax com a guerra contra o Paraguai, bem como a resolução desses fenômenos com o fim do conflito.

Londres, em alguns milhões de libras. Já Chiavenato (2008) e Donghi (1975) problematizam acerca do processo acelerador do endividamento das potências regionais durante o conflito.

Mitre necessitava do apoio inglês para a manutenção da estabilidade na Argentina e na região do Prata, lograda apenas por meio do apoio das elites econômicas que este representava, e que viam no Paraguai um obstáculo à economia capitalista liberal. Sabia que, para manter o equilíbrio político na Argentina, necessitava de alguma forma fornecer legitimidade ao seu governo frente aos interesses da classe dominante, à qual era imprescindível a manutenção da ordem liberal tanto interna quanto regionalmente, encontrando nas cruzadas civilizatórias do Uruguai e Paraguai os pretextos necessários para conseguir satisfazer ambas as necessidades.

Conseguiu fazer com que Flores empreendesse sua cruzada libertadora sem o seu apoio explícito. Envolveu o Império do Brasil em uma questão que dizia respeito aos uruguaios, logrando posteriormente que fossem os brasileiros a vir solicitar seu auxílio – tomado como imprescindível – para a resolução das comoções uruguaias. Como consequência da união para derrubar os *Blancos* no Uruguai, assim como da sequência factual daqueles momentos, efetivou a Tríplice Aliança, buscando assim realizar seu maior feito, a derrocada do governo de López.

Assim, analisando-se as relações entre as nações do Prata, é possível afirmar que a Tríplice Aliança foi uma organização militar representante dos interesses econômicos da classe dominante, que necessitava de uma ordem política benéfica aos seus anseios de liberdade econômica e comercial. A Argentina teve um papel preponderante, tanto pela figura política de seu mandatário, quanto pela aproximação mais aguda com a metrópole inglesa, baluarte do capitalismo burguês liberal no século XIX.

Finalizado o conflito, e o planejamento de Mitre, os resultados não foram todos satisfatórios para ele, principalmente no âmbito pessoal, mas garantiram o êxito do planejamento mais geral, o da vitória da cruzada liberal-civilizadora. Os reflexos de tais acontecimentos seguem influenciando as atuais estruturas sociais, políticas e econômicas da região, mostrando assim a sua relevância no estudo das relações internacionais no âmbito do sistema do Prata.

Referências

ALBERDI, Juan Bautista. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Hyspamerica, 1965.

CERVO, Amado Luiz. Hegemonia coletiva e equilíbrio: a construção do mundo liberal (1815-1871). In: SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). *História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 41-75.

CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio americano: la Guerra del Paraguay*. Asunción: Carlos Schauman Editor, 2008.

DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HOBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: Unicamp, 2011.

MARTÍNEZ, Osmar Feliciano. *La razón de mi prisión*. Buenos Aires: Editorial Cooperativa El Río Suena, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Rocket, 1999.

MELLID, Atilio García. *Proceso a los falsificadores de la historia del Paraguay*. Buenos Aires: López, 1964.

O'LEARY, Juan Emiliano. *Apostolado patriótico*. Asunción: [s.n.], 1930.

POMER, León. *La Guerra del Paraguay: Estado, política y negocios*. 2. ed. Buenos Aires: Ceal, 1987.

POSADA, Carlos Arezo. *De Sepé a Gardel: historias y crónicas de Tacquarembó*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2008.

VILABOY, Sergio Guerra. *Paraguay: de la independencia a la dominación imperialista 1811-1870*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984.